

Cathy Kelly

A CASA DE
WILLOW STREET

Tradução
Sara Goulart

*Quinta Essência**

OUTONO

1

O princípio da manhã em Avalon era uma das partes do dia preferidas de Tess Power. Ao fim de semana, Kitty, de nove anos, subia sonolentemente para a sua cama e enroscava-se na mãe. E algumas vezes – apenas algumas vezes, porque se esquecia frequentemente – Zach trazia-lhe uma chávena de chá à cama. Todavia, num dia de semana como era hoje, tal não aconteceria, pois Zach permanecia debaixo do edredão até ser convencido por ela a sair para ir para a escola.

– Os adolescentes precisam de dormir mais, mãe – invocava ele. – É oficial: eu vi na internet. Mais dez minutos...

Tudo o que tinha a ver com os seus queridos filhos fazia-a feliz – com exceção de um castigo a Zach ou uma discussão com Kitty sobre comer qualquer alimento que pudesse ser classificado como vegetal.

– Odeio brócolos e tomates e todos os verdes, ouviste?

À parte isso, a existência de Zach e Kitty deixava Tess tonta de alegria. Mas havia algo de especial naquelas manhãs de dia de semana, em que se esgueirava de casa enquanto as crianças ainda dormiam e levava *Silkie*, a galga lebreira dourada da família, a dar um passeio no bosque ao lado da casa onde crescera.

Ali em cima, com o vento a rodopiar à volta delas, parecia que Tess e *Silkie* eram as únicas criaturas no mundo. À medida que se aproximavam das ruínas da abadia, *Silkie* virou-se de repente e correu com a graça e ligeireza de um galgo sobre as folhas e

galhos caídos na direção da grande casa. Tess hesitou um pouco antes de a seguir. Apesar de ir ali quase todos os dias, para uns momentos de meditação matinal contemplando o mar, raramente se aproximava demasiado de Avalon House.

Havia quase duas décadas que deixara a sua velha casa, e assistira à venda a estranhos, tendo consciência de quão desolado o seu pai teria ficado se tivesse vivido para o ver. E, apesar deste lapso de tempo, a dor ainda não desaparecera, por isso tentava manter-se a uma certa distância, aventurando-se raramente nas suas imediações e nunca no seu interior.

Silkie, excitada com esta rara aventura, tinha encontrado um caminho através da vegetação rasteira. Tess não sabia o que a atraía em direção a Avalon House, mas seguiu-a, escolhendo cuidadosamente o caminho por entre as amoreiras e as roseiras bravas que haviam tomado os lindos jardins que tanto trabalho davam ao pai a mantê-los. Amava aquele jardim e era estranho que nem Tess nem Suki, a irmã mais velha, tivessem mostrado qualquer interesse por jardinagem. Naquela altura, elas achavam que jardinagem era um passatempo de adultos. Agora, Tess sentia que o cheiro da terra acabada de revolver a levava de novo aos belos e cuidados jardins da casa no fim de Willow Street e despertava-lhe um arrebatador sentimento de perda.

«Deixa de ser tão melodramática», disse a si mesma rispidamente, «montes de pessoas têm de sair das casas onde nasceram!»

Sim, essa era a atitude. «Mostra que tens o sangue dos Power.»

E continuou a andar, determinada a dar um bom passeio. Era perfeitamente capaz de se aproximar da casa e olhar para ela observando a decadência em que estava a cair. O milionário americano das telecomunicações que a comprara dez anos antes falira e agora não havia qualquer possibilidade de que ele e a mulher voltassem para restaurar a antiga glória da casa.

Avalon House não era a mais bela obra de arquitetura, mas era certamente majestosa e a sua mistura de estilos refletia as flutuantes fortunas dos De Paor. Possuía um grande *ball* vitoriano, uma torre normanda onde ninguém podia ir porque era uma zona perigosa e uma ala jorgiana a desintegrar-se. Tudo mostrava um

ar velho e decadente quando Tess e Suki eram crianças. Tinham vivido na parte mais moderna da casa, que contava apenas um século; apesar do seu vasto espaço, as únicas partes habitáveis do velho edifício eram a cozinha, a biblioteca com os seus painéis e uma lareira gigante, e as escadas traseiras que conduziam aos quartos.

A fortuna dos De Paor desaparecera havia muito, sem sobrar sequer dinheiro para lareiras ou aquecimentos modernos. Em criança, Tess tinha sido condicionada a apagar as luzes e a pôr quantos cobertores podia na cama para se manter protegida da brisa gelada que subia da costa até à casa na colina. Os miúdos da escola da vila metiam-se com ela por causa da sua casa grande, mas, depois de lá irem, já não o faziam tanto.

Apesar disso, nenhum dos seus colegas tinha deusas gregas, ainda que a desfazer-se e vestidas de líquen, nos seus jardins. Muito menos um bule de família de prata do século XVIII – um dos últimos bens a ser vendido – ou enormes pinturas a óleo de antepassados aristocratas poeirentos a olhar para eles de cima da galeria. O pai mantivera a sua afeição pelas pinturas até ao fim, convencido de que estas valiam alguma coisa.

Agora, Tess sabia que não era assim. Nenhum dos retratos fora pintado por qualquer artista famoso e ninguém estava interessado em pagar uma quantia avultada pelos antepassados de outras pessoas.

No entanto, a casa e o nome *tinham* significado algo em Avalon e as pessoas haviam instintivamente colocado Tess na categoria de elite. Não importava que as suas roupas estivessem gastas ou que comesse sanduíches de geleia ao almoço, ela era uma De Paor, ainda que o nome tivesse sido anglicizado para Power muitos anos antes. Ela vivia numa grande casa. O pai vestia elegantes, mesmo que um pouco desleixadas, roupas de montar quando ia à loja da vila e falava um inglês britânico e aristocrático.

Apenas uma pessoa durante a sua juventude lhe tinha parecido impenetrável à patine do *glamour* do seu nome e da sua casa: Cashel Reilly.

Tess não sentia arrependimentos. Não acreditava neles. Para quê? O passado estava cheio de lições duras para aprender estoiicamente e não de memórias para serem choramingadas. Mas com Cashel Reilly a história era diferente.

Quão irônico era debater-se com lembranças de Cashel e desilusão amorosa quando fora ali naquela manhã para pensar seriamente sobre ela, Kevin e a separação.

Nove meses antes, quando as fissuras no seu casamento se tornaram demasiado largas para fingir que não existiam, ela e Kevin tinham concordado que a terapia conjugal devia ajudar. Uma das melhores qualidades do marido era a sua abertura a ideias que outros homens não sonhariam considerar. Não se colocara nunca a questão de ele contrariar a sugestão dela para consultarem um terapeuta conjugal.

– Amamo-nos – dissera Kevin no dia em que ela fizera a sugestão –, mas...

Esse «mas» significava tanto.

Mas não passamos nenhum tempo juntos. *Mas* nunca fazemos amor. *Mas* vivemos vidas separadas e contentamo-nos com isso.

O terapeuta tinha sido ótimo. Atencioso e compassivo e nunca excessivamente determinado em mantê-los juntos custasse o que custasse. À medida que as semanas passavam – semanas de encontros à noite e longas conversas sem declarações argumentativas a começar com *Tu sempre...!* –, Tess começou a encarar a verdade que não tinha querido ver.

O seu casamento acabara. Viver com Kevin era como viver com um irmão e assim parecia há já alguns anos.

Não havia uma paixão muito intensa. Para ser inteiramente sincera, nunca houvera. Kevin era o homem por quem se tinha encantado na ressaca de outra paixão. Ela tinha vinte e três anos na altura, ainda uma romântica, vulnerável. Agora, com quarenta e um, já não sonhava com o príncipe no cavalo branco que a vinha salvar. Ninguém salvava ninguém, descobrira Tess. Eram os próprios que o tinham de fazer. No entanto, parte dela ansiava pelo género de amor que faltava na sua relação com Kevin desde o início. Não

se podia reacender um amor que nunca existira. Era uma conclusão sensata. Mas chegar a ela significava destruir a sua família, magoar Kitty e Zach.

Tess sentiu-se sempre culpada porque se questionava se não teria sido um erro casar com ele. Mas o casamento tinha-lhe trazido Zach; que era agora um jovem alto e forte de dezassete anos, com uma trunfa de cabelo escuro como o pai. E Kitty, de nove anos, era a imagem nítida da tia Suki quando esta tinha a mesma idade, com aquele biquinho de viúva e o cabelo loiro-claro dos Power a cair-lhe sobre as costas numa cortina sedosa. Hoje, a cabeleira lustrosa de Suki com as suas várias tonalidades de platinado devia bastante às tintas do cabeleireiro. O cabelo de Tess parecia-se mais com o da mãe, um loiro-arruivado-claro que lhe dava umas pestanas pálidas e que ela não se dava ao trabalho de colorir, apesar da pressão de Suki.

Kitty, Suki e Tess partilhavam a delicada estrutura ósea dos Power, o rosto em forma de coração a terminar num gracioso queixo pontiagudo e os grandes olhos cinzentos.

Kevin afirmara-lhe muitas vezes ao longo dos anos que ela era linda, como se não acreditasse na sua sorte em ter encontrado aquela flor aristocrática de pequena constituição, com um palmo de cintura e longas pernas. Porém, ela nunca conseguira acreditar inteiramente nele. Só acreditara num homem que tinha dito que ela era bonita.

Após seis meses de terapia, Tess e Kevin concordaram numa separação experimental. Um afastamento que os levaria a concluir que estavam errados e que não podiam viver longe um do outro.

– Isto não é para sempre – explicou Kevin a Zach, que se sentia revoltado, com a cabeça baixa e os caracóis escuros a cobrir-lhe os olhos.

– Tretas – resmungava Zach, suficientemente alto para os dois adultos ouvirem. – Eu acho que é estúpido. – Parecia mais a sua irmã pequena do que um rapaz de dezassete anos. – Vocês querem divorciar-se e estão a tentar fingir, para nós, que não querem.

– Eu vou só para casa da avó, ao fundo da rua. Fico no apartamento das traseiras. Ela ainda não o alugou para o verão, por isso é meu. Nosso – corrigiu-se Kevin. – Vocês vão ver-me tanto quanto me veem aqui.

Kitty tinha saltado para o colo do pai para se aninhar e assemeelhava-se a uma criatura pequena, enroscada nele.

Tess estivera quase tentada a insistir para que esquecessem aquela história dolorosa da separação, quando Kitty olhou fixamente para ela e perguntou:

– Podemos então ter um gatinho?

Kevin saíra de casa há três meses e Tess descobrira que ser mãe solteira era mais difícil do que esperava. Kevin fora sempre um pouco inútil no que dizia respeito a tarefas domésticas, mas agora que ele se tinha ido embora, percebera o quanto outro adulto era necessário à família, mesmo que ele parecesse fazer pouco mais que chegar a casa à espera de jantar e desembaraçasse o cabelo de Kitty afetuosamente enquanto esta pedia à mãe que lhe assinasse o caderno de trabalhos de casa. Kevin costumava pôr o lixo lá fora, tratava das coisas elétricas e era ele quem fazia a ronda à casa à noite, trancando as portas e verificando se todas as janelas estavam fechadas. Agora que tinha a total responsabilidade de todas essas tarefas, Tess apercebia-se das vantagens de ter Kevin por perto, sempre gentil, sempre bem-humorado, outra pessoa com quem se sentar em frente do televisor à noite. Alguém ao seu lado na cama. Alguém com quem falar sobre o seu dia.

Na primeira semana após ele ter saído, sentiu alívio por finalmente assumirem o facto de nunca terem sido a pessoa certa um para o outro e as crianças haverem sido o motivo que os mantinha juntos. Apenas a separação lhes mostraria a verdade.

Mas depois surgiram as dúvidas: teria sido estúpida? Talvez devessem ter continuado a terapia conjugal em vez de decidirem tão rapidamente que a separação era um bom plano.

Seria um plano assim tão bom? Havia algum tempo que se interrogava.

* * *

Silkie veio deitar-se aos seus pés, um sinal de que estava a ficar aborrecida.

– Está na hora de ir, cadelinha – disse Tess, olhando rapidamente para o seu relógio. – Quase sete e um quarto, vamos para casa e arrastá-los para fora da cama.

Tess trouxera Zach e Kitty ali acima algumas vezes, mas não nos seus passeios com *Silkie*. Nessas alturas, atravessavam os enormes portões ferrugentos, que os miúdos da zona tinham escancarado e danificado há algum tempo, e subiam a bonita avenida ladeada por árvores. Queria que os seus filhos vissem o seu património.

– Era aqui que eu e a tia Suki vivíamos como o vosso avô.

O avô era uma figura desconhecida para os filhos, morrera antes de eles nascerem. A única avó que eles conheciam era Helen, a mãe de Kevin que gostava de jogar *Monopólio*, ficava muito aborrecida quando perdia e podia-se contar com ela para oferecer fabulosos presentes no Natal.

Zach tinha doze anos quando Tess o levou a Avalon House pela primeira vez. Olhou para a casa com reverência, suplicando para entrar e ver os quartos.

– É enorme! – exclamou, com os olhos abertos de espanto.
– Não se parece nada com a nossa casa, mãe.

– Pois não – respondeu Tess alegremente. Era difícil tentar alegrar-se enquanto se dava conta de que, após gerações na família, Avalon House já não era deles. Não era pelo facto de ser dez vezes maior do que a sua casa atual que a fazia lamentar a perda. Era o sentimento de que tinha sido o seu lar. Aquele era o sítio onde fora tão feliz enquanto criança... até que tudo começara a correr mal.

Kitty era muito mais nova quando se interessou pela primeira vez pela casa.

– É um palácio, mamã – dissera deliciada quando se aproximara. – É como se a Cinderela pudesse chegar aqui na sua caruagem de abóbora puxada por cavalos com plumas prateadas a sair das suas crinas.

Tess rira-se da fabulosa imaginação da sua linda filha de oito anos. No mundo de Kitty até uma velha ruína coberta de musgo a desintegrar-se podia ser salpicada com pós de fada e transformada num palácio.

– Porque não vivemos aqui? – quis saber Kitty.

Tess estava habituada a perguntas diretas. As crianças eram tão gloriosamente sinceras.

– A casa pertenceu à família do meu pai, o teu avô, durante muito, muito tempo, mas a fortuna da família estava quase no fim quando o avô a herdou. Quando eu nasci, já só havia um bocadinho de dinheiro de sobra. As casas grandes ficam muito caras porque o telhado está sempre a deixar entrar água, por isso o avô sabia que teria de a vender. Íamos mudar-nos para um chalé pequeno na vila, aquele onde vivemos agora, mas ele ficou muito doente e morreu. Então tive de vender Avalon House e mudar-me sozinha.

– Oh, mamã – lamentou Kitty, lançando os braços à volta da cintura da mãe –, debes ter ficado tão triste.

Os olhos de Tess humedeceram.

– Bem, fiquei um pouco triste, querida, mas depois veio o Zach e depois tu, e como podia eu ficar triste quando tinha os meus dois lindos anjos?

– Sim – retorquiu Kitty instantaneamente animada. – Posso ver o teu quarto, mamã? Como era? Como o de uma princesa?

Tess pensava em tudo isto agora enquanto voltava para casa, seguindo o rasto de *Silkie* pelo meio dos arbustos. O velho jardim de nódulos, criado pela sua trisavó, não era mais que um grande amontoado de cardos. As paredes à volta do pomar estavam caídas. Tess conseguia perceber porque ninguém queria comprar Avalon House; apesar de linda como era, empoleirada no cimo da colina a contemplar Avalon e o mar, custaria uma fortuna torná-la de novo habitável. Brevemente ficaria como a Abadia, reduzida a um monte de pedras, e o passado seria enterrado com ela.

Tess parou de repente. Disse a si própria que não valia a pena pensar no passado. Era o futuro que interessava.

– Anda lá, *Silkie* – incitou rapidamente e depois virou-se e afastou-se da casa. Logo a seguir, a linda curva da baía de Avalon abriu-se à sua frente e, acelerando o passo, desceu o caminho. Havia muito para fazer naquele dia. Não tinha tempo para perder no passado.

O quarto de Zach cheirava a adolescente: meias, um novo e horripelantemente barato *aftershave* que ele adorava, e um odor almiscarado de homem-rapaz tão diferente do cheiro a rapaz pequeno que ela costumava adorar.

– Hora de levantar, amor – chamou ela, abanando-lhe o ombro e pondo uma chávena de chá na sua mesa de cabeceira.

Um grunhido debaixo dos cobertores disse-lhe que ele estava vivo e mais ou menos acordado.

– Eu volto daqui a dez minutos com o trapo frio para o caso de ainda não estares levantado – avisou ela. Costumava usar o mesmo método com a irmã. Anos antes, a ameaça de um pedaço de flanela molhada atirada para debaixo dos cobertores era a única forma de tirar Suki da cama de manhã.

Kitty era mais fácil de acordar. Tess beijava-a ternamente na bochecha e executava uma pequena dança de um minuto, na almofada, com o boneco favorito de Kitty, *Moo*, sussurrando:

– Hora do pequeno-almoço – imitando a voz bovina de *Moo*.

Às oito, os dois filhos estavam à mesa, Kitty a conversar alegremente e Zach, sonolento, curvado sobre os seus cereais.

Silkie, feliz depois do seu passeio e pequeno-almoço, estendia-se debaixo da mesa da cozinha na esperança de algumas migalhas.

A tarefa seguinte de Tess era fazer o almoço de Kitty enquanto tomava o seu próprio pequeno-almoço e verificava se o que tirara do congelador na noite anterior estava a descongelar para o jantar.

– Porque não caímos da Terra se ela é redonda e está no espaço? – queria saber Kitty.

Tess considerou por um momento.

– É por causa da gravidade – explicou –, há uma força magnética...

Esquivou-se à resposta por um momento, pensando em como continuar a explicação sobre tudo aquilo e à procura dos factos na sua cabeça. Kitty fazia muitas perguntas. Pelo menos, a fase do céu e dos anjos já tinha acabado, mas receava que a «De onde vêm os bebês?» não estivesse longe.

– Podes explicar porque não caímos da Terra, Zach, meu querido? – implorou ao filho.

Ele olhou de cima da sua taça.

– Gravidade, Newton, leis da física. Não me perguntes, eu deixei a física no ano passado.

– O que é a física? – perguntou Kitty. – É uma pessoa que consegue ver o futuro? A Julia diz que a mãe dela está sempre a ir a físicos. Diz que podem ganhar a lotaria, mas só numa quarta-feira à noite. Nós compramos a lotaria, mamã?

– Não – retorquiu Tess –, mas devíamos – acrescentou, pensando no seu saldo bancário.

– Podemos comprá-la na quarta-feira – acrescentou Kitty – com a minha semanada.

– Já gastaste a tua semanada – provocou Zach.

– Não gastei nada.

– Gastaste sim.

– Eu tenho dinheiro na minha lata da Princesa Jasmim – respondeu Kitty orgulhosamente. – Montes de dinheiro. Mais do que tu.

– Provavelmente tem – observou Tess, colocando um prato com dois ovos escalfados em frente do filho. O apetite de Zach aumentara loucamente no último ano e ele aspirava a comida. Como o pequeno-almoço era considerado a refeição mais importante do dia, ela tentava fazer com que ele comesse proteína todas as manhãs, ainda que ele argumentasse que os ovos lhe davam «vontade de vomitar».

– Nem penses em vomitar – instruiu Tess. – Tens jogos hoje.

Quando deixou Kitty na escola e depositou Zach na paragem de autocarro, voltou para casa e passou meia hora a fazer arrumações